

# 1

## ROBBIE

*Segunda-feira, 28 de agosto, 19 horas*

**I**sto vai parecer uma completa loucura, mas está uma casa a cair da falésia. Falo a sério, mesmo à frente dos meus olhos.

Bem no topo do promontório da Rua Pine Ridge, a zona residencial mais alta da cidade — e também com os preços mais elevados. A exclusiva, chique e *famosa* Rua Pine Ridge, porque se não a conheciam antes deste verão, vão sem dúvida ficar a conhecer, e isso deve-se, em parte, a mim («Robbie Jevons é a estrela do ativismo *Zoomer* da Costa Sul» — *The Guardian*, nada menos).

Enfim. A casa está literalmente a deslizar por trás de uma sebe verde alta e em direção à beira da falésia, e o mais louco é que sou o único que parece estar a vê-la! Encontro-me sozinho nas dunas atrás do palco, com a praia à minha esquerda, a povoaçāo à direita e o promontório a uma certa distância, mas no meu campo de visão. Os restantes estão de costas, virados para o palco, a assistir ao concerto — mil pessoas ou mais, todas com um ar de felicidade no rosto, como se estivessem na presença do Harry Styles ou assim, e não de um grupo aleatório de Weymouth a tocar *covers* antigos de *rock*.

«*Smoke on the Water*»? A sério?

*Mas não*. As casas não se movem. Não *deslizam*. Fumei um pouco de erva e bebi algumas cervejas, por isso talvez esteja a alucinar. (Também me sinto um pouco atordoado devido a outras atividades, mas não vamos falar disso.) Para me testar, desvio o olhar e concentro-me num casal na

extremidade da multidão. Ele, dentro do mar com a água pelos joelhos, é forte como uma árvore e tem tatuagens nos peitorais que brilham como a pele de um crocodilo; ela, sentada nos ombros dele com as coxas apertadas em volta do pESCOÇO, a agitar os braços ao ritmo da música. Acho que não os conheço, mas estamos todos misturados, habitantes locais, recém-chegados e turistas. Hoje, tal como a mensagem no cartaz abandonado aos meus pés, «NENHUM HUMANO É TABU».

Conto até dez, volto a olhar para cima e, caramba, se a frente da casa não está agora mesmo à beira da falésia, como uma daquelas varandas projetadas na lateral de um bloco de apartamentos. E é *definitivamente* real: uma moradia térrea revestida de madeira, com telhado de ardósia e uma fileira de janelas que brilham no tom dourado do sol poente.

Mesmo por trás dela, visível através da sebe: uma mancha de amarelo-vivo.

Ponho-me de pé e cambaleio duna abaixo e ao longo da praia até onde a Shannon dança ao lado do palco.

— *Fire in the sky* — canta ela, uma sonhadora descontraída, e estica-se para me agarrar na mão. — Robster! Onde estiveste?

— Olha — grito, por entre guitarras que furam os tímpanos. — Vê só o que está a acontecer lá em cima!

Ela vira-se e segue o meu olhar, sem perceber de imediato o que está a ver. Mas, depois, reage quando a casa dá um novo solavanco:

— Mas que raio? Temos de pedir ajuda. Encontrar um dos seguranças ou a polícia!

Mas é demasiado tarde. Quando lá chegasse, já a casa estaria feita em pó.

Nesse momento, a canção termina e, entre os aplausos, começamos a ouvi-lo: um rangido e arrastar demoníaco, mais o ruído inconfundível de algo mecânico. Ao mesmo tempo que toda a gente se vira para olhar, a voz do cantor surge no sistema de som:

— Merda, o que se passa ali em cima? Alguém pode tentar...?

Mas fica sem palavras.

E, no primeiro momento de puro silêncio do dia, talvez mesmo do verão, a casa despenha-se da falésia e embate no mar.

## 2

# CHARLOTTE

*Antes, em agosto*

O primeiro vislumbre dos tons de lavanda ao sair da portagem do *ferry* nunca cansou. Aquela faixa lilás algo esbatida entre o dourado da praia e o verde-garrafa do pinhal mais além.

Ocupada a admirar a forma como os tons tinham amadurecido desde a sua última visita, Charlotte não reparou no vulto que surgiu de repente e atirou um líquido vermelho para o para-brisas.

— Mas que raio! — Perry travou e encostou bruscamente na berma da estrada, fazendo com que *Mango*, a *labrador* vermelho-raposa, se pusesse em sentido no porta-bagagens. Eles saíram do carro e levantaram os óculos de sol para ver melhor o culpado, um jovem corpulento que corria, de balde na mão, em direção aos companheiros reunidos perto da cabina da portagem.

— É bom que não seja tinta — disse Perry, com um rubor a espalhar-se por baixo do bronzeado de jardim e testa acima.

— Acho que é sopa. — Ela tocou-lhe com um dedo. Era inquietamente quente, quase à temperatura do corpo. — Ou talvez molho de pizza. É bastante espesso. *Passata*.

— *Passata*? Mas eles são ativistas ambientais ou algo do género? Como aqueles cretinos que atiraram creme de pasteleiro para cima de um *Rembrandt*?

— Acho que são a malta do Não Só em Agosto. — Charlotte esticou o pescoço para ver melhor o grupo, na sua maioria mascarados ou tapados pelos cartazes que brandiam, com *slogans* como «AS CASAS DE FÉRIAS MATAM

COMUNIDADES!», «VOLTEM PARA TRÁS, VERANEANTES!» e — sim, lá estava ele — «#NSEA!»

— Ei! Parem! — gritou Perry, quando um *Volvo* se aproximou e recebeu o mesmo tratamento, com o líquido a ser atirado janela aberta do condutor, que respondeu com um rugido furioso. Charlotte viu que um *Ford Focus* velho pôde passar sem interferências, apesar de a parafernálio reveladora de proprietário da segunda habitação ser visível no vidro traseiro (ninguém leva uma mangueira de jardim ou um berbequim elétrico para um arrendamento de férias), o que sugeria um sistema de classificação que carecia de critérios.

Animados pelo desafio de Perry, o grupo aproximou-se para lhe gritar na cara:

- Casas locais para a população local! Casas locais para a população local!
- Siam da estrada! — berrou ele de volta.
- Regressem a Londres!
- Vão-se lixar!

Perry passou por eles em direção à cabina da portagem. Não era um homem alto e notava-se melhor o seu peso visto de trás, sacudindo os braços enquanto caminhava.

Mais atrás, as buzinas dos carros soavam perante o atraso, perturbando *Mango*, por isso Charlotte abriu a bagageira para a acalmar antes de encontrar um rolo de papel de cozinha e remover o suficiente da sujidade para facilitar a continuação da viagem em segurança. Acenou com a cabeça de forma amigável a um manifestante que se tinha separado do grupo e que levantou o cartaz que trazia na mão como um escudo.

— «Escumalha da segunda residência» — leu ela. — Não é muito acolhedor, pois não?

Tinha registado oposição às casas de férias, de uma forma ou de outra, ao longo dos quinze anos como proprietários da *Cliff View*, mas até recentemente fora um assunto discreto e marginal. Algumas questões levantadas nas reuniões do município; a marcha ocasional pela Rua da Praia Velha até à *Bird Lane*, onde se situavam as casas mais fotogénicas da localidade; participações no *Voice* salientando a injustiça de haver trabalhadores essenciais a viver em caravanas, enquanto os *nimbys*<sup>1</sup> bloqueavam os planos de

<sup>1</sup> O acrónimo NIMBY significa *Not In My Backyard* (No Meu Quintal). É usado como referência a pessoas que se opõem a grandes empreendimentos nas suas próprias comunidades, principalmente quando os apoiam noutras locais. (N. da T.)

construção de novos bairros residenciais. Uma presença que se fazia ouvir, claro, mas não algo a que se poderia chamar uma campanha. Não era coordenada, nem militante, como agora. Nunca estivera associada diretamente a um único grupo.

Ela tinha de admitir que, no que dizia respeito à reformulação de marcas, aquela era impressionante.

Perry regressou apressado, a suar.

— O tipo chamou a polícia. Quer que fiquemos por cá até eles chegarem. Charlotte fez uma careta.

— Vão demorar séculos. Porque não lhes ligo na segunda-feira e assim podem registar a ocorrência nessa altura?

— Se é que fazem alguma coisa. Provavelmente só dão uma palmadinha nas costas dos fedelhos.

De óculos de sol postos e com um bater de portas, eles voltaram à estrada. Durante aquele episódio, o ritmo cardíaco de Charlotte não se alterou. Teria sido diferente se viajassem a cem à hora na altura do ataque, mas, como não fora o caso, também não tinham sofrido qualquer dano real. Além de estarem a poucos minutos da CliffView, e do seu amado Recanto, onde naquela noite beberiam *rosé* no alpendre e assistiriam ao céu néon a dissolver-se na escuridão. Depois, durante um mês, iriam mergulhar nas águas límpidas da Praia Velha; fariam sestas à sombra dos pinheiros; passeios com *Mango* em areias espelhadas; e o trabalho de consultora fiscal ficaria reduzido a um único cliente gerido a partir da mesa da cozinha. Ah, e Benedict chegaria dentro de poucas horas, a primeira vez que viam o filho em seis semanas.

O paraíso de Pine Ridge, em suma.

— Espera, hoje é dia um de agosto, não é? — lembrou-se ela.

Dado o nome do grupo de protesto, não era de admirar que estivessem em força. Tiraram o dia de folga de trabalhos que, provavelmente, serviam as pessoas que tinham vindo assediar. Teriam começado logo que o *ferry* entrou em funcionamento, às sete da manhã? Se assim fosse, aquelas ações já estariam espalhadas pelas redes sociais.

— Escolhemos sem dúvida o dia errado para chegar.

— Pois, a não ser que repitam isto todos os dias durante o mês inteiro — lembrou Perry. Ele acionou os limpa-para-brisas para retirar mais manchas de tomate. — E chamam-nos escumalha.



Surpresa, surpresa, o muro branco da frente da propriedade estava pintado com a sigla NSEA — num vermelho escorrido para dar um belo efeito de cena de crime —, que Charlotte fotografou para carregar no *site* da polícia, fotos que sem dúvida iriam definhar para toda a eternidade, sem serem vistas.

Pelo menos as paredes da casa em si estavam intactas. A Cliff View era uma das quatro propriedades originais no topo da falésia, construídas com calcário cinza e ardósia locais, e a mais bem situada, virada num dos lados para a Praia Velha e no outro para o mar. Era também a maior, sendo que as três mais pequenas pertenciam a outros dois casais de Londres e a um de Winchester — e era improvável que viessem a ficar desocupadas tão cedo. Entre as originais, havia uma coleção de casas pontuais construídas à medida que os terrenos destinados a jardins foram sendo vendidos, incluindo a sua vizinha direta, a Villa Pino, uma versão simplificada das moradias de luxo de Sandbanks, propriedade de Tim e Madeline, de Twickenham. Casal que, graças à decisão sensata de limitarem o terreno com uma vedação em vez de um muro, tendiam a escapar ao pincel dos vândalos.

Charlotte deixou Perry a descarregar o carro e levou *Mango* para uma pequena volta pela casa, reconectando-se com os diversos pormenores de época: chão de laje, tetos abobadados, uma lareira enorme. A empregada de limpeza (Charlotte contratara sempre locais, em vez de recorrer à agência de empregadas domésticas de Poole, preferida pela maioria dos proprietários de casas de férias) tinha ido aspirar e fazer as camas, o que significava que apenas lhe restava abrir as janelas para deixar entrar o ar do mar.

Naquele dia estava divinal. Fresco e salgado, quase adstringente. Curativo. A seguir, dirigiu-se às traseiras para ver o Recanto. A poucos metros do passeio público e defendida apenas por uma vedação baixa de madeira, a sua casa de hóspedes ficava mais vulnerável ao vandalismo do que a casa principal, para não falar que estava mais exposta a um público potencial; era frequente a passagem de transeuntes pelo caminho de um quilómetro e meio que ligava a Praia Velha a Little Bay e ao melhor hotel da zona, o Needles.

Era, todos concordavam, um tesouro. Com as suas oito janelas, bem como a porta de estábulo, compostas por vitrais antigos e as linhas do telhado de ardósia projetadas de modo a refletirem as da casa principal. Tanto o revestimento como o alpendre estavam pintados com uma cor de nuvens de verão. Por vezes, ela deparava-se com fotografias da casa nas redes sociais, com os *hashtags* #casadesonho ou #casacosteira, mas não era possessiva em relação à sua imagem. Se estava à vista do público, era de esperar que fosse partilhada.

Espreitando pelo vidro, ela viu que a cama também tinha sido feita, embora fosse pouco provável que a usassem naquele verão. Os únicos hóspedes que iam receber eram Benedict e a nova namorada, que dormiriam na casa principal.

Charlotte demorou-se no alpendre, posicionando-se de modo a ver apenas o mar e o céu, sem pinturas, sem limites. Assim, podia imaginar-se numa vinheta de tempos de guerra, olhando para o azul e contemplando os horrores em França. A pensar-se — a saber-se — como uma das sortudas.

Por certo punha a *passata* em perspetiva.



— Ficas aqui — disse a *Mango*, e fechou o portão para descer a escada até à praia, um atalho algo arrepiante para a zona velha da vila que Perry previu que seria em breve encerrada pela brigada de segurança e saúde. Não havia sinais de problemas no areal, apenas as filas familiares de espreguiçadeiras e chapéus de sol amarelos para alugar, e a miscelânea de toalhas e mantas dos restantes banhistas. Pais que aplicavam protetor solar no rosto das crianças enquanto jovens de vinte e poucos anos tostavam a pele tatuada (ainda é possível ter cancro numa pele tatuada com dragões?) e outros faziam fila para os *Aperol spritzes* e o *gelato* local servido em atrativos balcões de madeira. Que mais? Ténis de praia, voleibol e aquele novo jogo que envolve uma bola e um minitrampolim. Um grupo de pessoas sorridentes com coletes salva-vidas a serem informadas à beira-mar antes de uma aula de *paddleboard*.

Não se via nenhum ativista.

Charlotte estava na fila da charcutaria na Rua da Praia Velha quando Amy lhe enviou uma mensagem.

Já aterraste! Acabei de ver o Perry com o pincel 😊  
Avisa quando estiverem livres para brincar.

«Livres para brincar» significava que os podiam convidar para sua casa — ou pelo menos assim acontecera na Páscoa, na primeira visita de Amy e Linus ao novo retiro, um *bungalow* a cair aos bocados, inadequado mesmo para a receção mais informal. Vizinhas em Londres — Charlotte e Amy tinham-se conhecido quase uma década antes no moderno estúdio de ioga quente em Lordship Lane, que ambas experimentaram e depressa abandonaram em prol do original não quente — e agora, ali, em Pine Ridge, iriam ver-se mais do que às próprias famílias. Mas, como dissera Charlotte a Perry, os amigos *escolhiam-se*, certo?

Ela procurou em vão nas prateleiras opções de cerveja sem álcool para Perry, que já não bebia, e rezou para que ele se tivesse lembrado de trazer as suas *Lucky Saint* de Londres. Imaginou-o a contar a Amy as peripécias no *ferry*. Os Shaw tinham viajado no fim de semana — quando ainda era julho — e sido provavelmente poupadados ao caos, tornando-se irónico, porque era de supor que faziam parte do influxo que inspirara o NSEA a subir a parada em primeiro lugar. Tal como outras pessoas da cidade, eles só reavaliaram as suas prioridades quando compraram uma segunda casa, reformulando o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal após o confinamento, mas não deixava de parecer que se tinham aproveitado do sofrimento.

Parecia cruel.

— Posso ajudar? — perguntou a rapariga da caixa, com um cabelo fino vermelho-dourado e uma tonalidade de pele ruborizada distintamente inglesa. Partilharia a raiva dos colegas locais? Tinha um ar tão tranquilo. Um crachá identificava-a com o nome Shannon.

— Olá, Shannon. És nova aqui?

— Estou cá há quase um ano — respondeu a jovem, num tom alegre mas impessoal.

— Ah. Bom, parece que vai estar um tempo fantástico nas próximas semanas, não é? Tens algum daquele molho de caranguejo com funcho? Não o vi no frigorífico.

— Está esgotado. Mas temos a cavala com râbano.

— Esse não me agrada tanto. Sem problema.

A rapariga passou os artigos pelo scanner.

— São quarenta e cinco libras e quarenta e três *pence*.

Por um par de molhos e uma caixa de palitos de queijo! Charlotte passou o cartão com um respeito relutante. Para uma comunidade que albergava tantos fanáticos antirriqueza, havia ali muito bom senso comercial.



— Eles vão instalar uma casa de hóspedes — informou Perry. — A perturbação será mínima.

Charlotte pousou as compras dentro de casa e sentou-se ao lado dele na mesa do terraço.

— A Amy e o Linus? Isso ainda está quente?

Ela serviu-se de café da prensa francesa, apesar de por norma evitar a cafeína a partir do meio-dia. Era uma *Le Creuset*, cor *Marseille Blue*, um dos utensílios que associava de tal forma a Pine Ridge que poderia sentir um sobressalto sensorial quase erótico se a encontrasse noutro local.

— É uma estrutura que vem em módulos e fica montada em poucas horas. Ela disse que, se conseguirem que seja entregue depressa, até podem dormir nele nesta estada... ou deixar que os miúdos durmam. O Huck convidou um estudante de intercâmbio francês e, ao que parece, um dos quartos deles ainda tem uma janela tapada com tábuas.

— O Linus não se ajeita nada com trabalhos manuais — comentou Charlotte. — Talvez o pudesses ajudar?

— Talvez. — Perry simpatizava menos com Linus do que com Amy, estando os dois em lados opostos na última controvérsia do sul de Londres sobre os bairros de baixo tráfego e sendo ambos igualmente resistentes a compromissos. Charlotte sabia que havia outras rivalidades em jogo, como o negócio de seguros para bicicletas de Linus que arrancara na mesma altura da semirreforma de Perry, o que era o tipo de rutura hierárquica com que Perry se debatia.

— Vê, ela enviou-me uma fotografia.

Perry passou-lhe o telemóvel.

— Bom, parece-me familiar — disse Charlotte, estudando a estrutura em estilo chalé com o alpendre envolvente e o telhado de ardósia inclinado.

— Eu sei. E mais: vai chamar-lhe Refúgio. Dizem que a imitação é a forma mais sincera de elogio.

Charlotte não se perturbou com o assunto. Oito anos mais velha do que Amy, ela ficara feliz com o tom estabelecido desde cedo e de forma natural naquela amizade calorosa e franca. Partilhava a sua sabedoria e Amy recebia-a — seria indelicado ficar ressentida. Em todo o caso, o novo anexo no jardim dos Shaw não podia ser exatamente idêntico ao deles, porque o Recanto era um tesouro *vintage*, uma peça única recuperada de uma propriedade no Sussex, restaurada por artesãos especializados.

O telemóvel de Perry e o dela emitiram o alerta de notificações em uníssono, ao que eles acorreram como cirurgiões de serviço. O dela era uma mensagem nova de Amy que dizia quase o mesmo que a primeira.

— A que horas devo dizer para aparecerem? — perguntou ela, e Perry levantou os olhos do aparelho, surpreso.

— A quem?

— À Amy e ao Linus, claro. — Ela inclinou a cabeça, intrigada — e de quem é a tua mensagem?

Ele guardou o telemóvel no bolso sem desviar o olhar do dela, naquele jeito impassível, quase descarado, que fazia quando mentia.

— Ninguém — respondeu.